

# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale  
(Organizadores)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilly Souza do Vale  
(Organizadores)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina



Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior  
**Organizadores:** Lázaro Castro Silva Nascimento  
Kamilyly Souza do Vale

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilyly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.  
II. Vale, Kamilyly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

**Patricia Valle de Albuquerque Lima**

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da  
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

## APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

**Lázaro Castro Silva Nascimento**

**Kamilly Souza do Vale**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>57</b>
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5522016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>126</b>
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55220160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>137</b>
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55220160911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>152</b>
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.55220160912</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>166</b>



# CAPÍTULO 9

## “QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR

Paulo Henrique Pinheiro de Barros<sup>1</sup>

o cara discreto me olha e diz “credo”  
porque eu tô beijando o meu namorado na rua  
além de você eu também cuido da minha vida  
e já parou pra pensar quem é que tá cuidando da tua?  
não seja um otário se escolhe o armário  
a gente que apanha, não me peça calma  
que enquanto eu grito e luto por espaço  
você se esconde na hunter e na sauna

Rohmanelli ft. Warlock, Macho Discreto

São poucas as publicações no Brasil que fazem uma ponte entre Gestalt-terapia e populações LGBTQI+, não sendo encontradas no momento da produção deste texto pesquisas publicadas que relacionem a abordagem gestáltica e o uso de aplicativos que possibilitam (des)encontros entre homens – algo que já nos convida para uma reflexão sobre a invisibilidade de tais assuntos no meio gestáltico. Sendo assim, recorrerei a alguns estudos do campo da sexualidade que não possuem uma fundamentação na Gestalt-terapia, relacionando-os com nossa abordagem, algo que considero importante para que possamos crescer e nos transformar.

Nesta pesquisa, busco refletir sobre algumas relações que são estabelecidas entre homens que buscam outros homens por meio da plataforma digital conhecida como Grindr, aplicativo utilizado em cerca de 196 países e acessado diariamente por aproximadamente 3 milhões de usuários (GRINDR, 2017). Foi o primeiro aplicativo a associar a busca por parceiros ao mecanismo de geolocalização por satélite (MISKOLCI, 2014), possibilitando uma nova relação com a cidade, através do espaço *on-line*.

A oportunidade de um usuário saber a distância a que se encontra de outros diferencia este aplicativo das salas de bate-papo, como as do site UOL, que, durante algum tempo, foram as principais plataformas *on-line* utilizadas por homens que buscavam outros homens (MISKOLCI, 2013). Segundo Miskolci (2014), um dos motivos para a grande busca por esses espaços *on-line* se dá pelo receio que muitos homens ainda sentem em vivenciar suas sexualidades nos espaços públicos, percebidos como não acolhedores à diversidade

1. Psicólogo pela Universidade Federal de Roraima, Gestalt-terapeuta pelo Instituto de Gestalt-terapia de Roraima e Sexólogo pela Universidade de Araraquara. Coordena o Núcleo de Atendimento Psicossocial para População LGBTQI+.

sexual, criando uma espécie de limbo entre marginalidade e inclusão.

Das várias possibilidades de pesquisa no Grindr, tornaram-se figura os perfis que deixam clara a rejeição por usuários que sejam afeminados. Tal repulsa remete-me a experiências atravessadas por mim, por amigos e por clientes, por vezes, vivenciadas de formas dolorosas. Diante disso, esta pesquisa me permite mover-me no presente, de forma diferente, possibilitando a resignificação do fenômeno citado. Para tanto, recorrerei, principalmente, ao conceito de fronteira de contato utilizado na Gestalt-terapia, para refletirmos sobre as relações estabelecidas virtualmente; também farei um resgate de estudos que abordam as temáticas sobre masculinidades.

Talvez possam surgir dúvidas sobre o porquê de não me referir a homens que se relacionam com homens como homossexuais ou gays. Neste aplicativo, não há a opção para que o usuário coloque informações sobre a sua orientação sexual, compreendida como a atração sexual e/ou afetiva direcionada a alguém. Em linhas gerais, homens que se sentem atraídos sexual e/ou afetivamente por outros homens são chamados de homossexuais ou gays. Homens que sentem atração sexual e/ou afetiva por homens e mulheres são vistos como bissexuais, e homens que sentem atração sexual e/ou afetiva somente por mulheres são conhecidos como heterossexuais. Todavia, é necessário cuidado para que tais definições não cristalizem o campo da sexualidade.

A forma de nomear e vivenciar a orientação sexual é uma experiência única e que somente poderá ser confirmada pela própria pessoa, sendo que há aquelas que não sentem a necessidade de tais definições. Alguns homens que se identificam com a heterossexualidade podem buscar experiências homossexuais (COLLING; NOGUEIRA, 2017). Isso implicaria numa falsa heterossexualidade? Será que essa pessoa não passa de um gay enrustido?

Pode ser que alguns homens realmente neguem a homossexualidade, desempenhando uma performance heterossexual. Mas, também não podemos afirmar que não seja possível a existência de homens heterossexuais que encontram prazeres com outros homens. Sendo assim, faz-se pertinente a sigla HSH, que significa “homens que fazem sexo com homens”, utilizada pelo Ministério da Saúde em políticas públicas, embora, por vezes, finde-se a relacioná-la à homossexualidade ou bissexualidade.

Em minha prática como psicólogo clínico no atendimento com homens, busco verificar junto a eles se existe uma necessidade em nomear ou não uma possível orientação sexual. Alguns afirmam que sim, percebendo-se enquanto gays, bissexuais ou pansexuais<sup>2</sup>, enquanto outras e outros respondem negativamente. Já outras pessoas relatam se sentirem confusas quanto aos desejos e sentimentos, não conseguindo definir o que sentem por meio de palavras. Ou seja, cada experiência é única, sendo necessário que o/a profissional da Psicologia e das demais áreas da saúde tenham cuidado com os *aprioris*, praticando a

---

2. Orientação sexual na qual a atração física, sexual e afetiva pode ser desenvolvida por outras pessoas, independentemente de suas identidades de gênero: cisgênero ou transgênero (SÃO PAULO, 2017).

suspensão fenomenológica, na qual solicitamos que o/a cliente interprete e signifique suas vivências - suspensão delicada quando se trata do campo da sexualidade, em que nossos sentidos estão extremamente contaminados, contribuindo para polarizações em torno das manifestações sexuais: bom e mau, certo e errado, sujo e limpo, céu e inferno, macho e viado. Isso pode dificultar que estejamos realmente abertos e abertas para o encontro com nossos e nossas clientes.

Levanto tal questão por ser cada vez maior o número de pessoas das mais variadas orientações sexuais que estão tendo acesso ao atendimento psicológico. Logo, faz-se necessário refletir sobre as formas como estamos acolhendo ou não essas pessoas. Muitas delas passaram por relações em que foram julgadas por suas formas de estar no mundo – principalmente, no que diz respeito aos seus desejos e/ou afetos homoeróticos –, mundo este que, para ser acessado pelo profissional da Psicologia, requer cuidado e respeito. Afirmo isto pois já estive com clientes que relataram experiências com outros e outras profissionais da Psicologia e Psiquiatria que manifestaram condutas extremamente moralistas e higienistas, contribuindo para mais sofrimentos.

Dito isto, a curiosidade para desenvolver esta pesquisa emergiu a partir de minhas próprias experiências utilizando aplicativos (*apps*) e do relato de clientes e amigos que também usam tais ferramentas. Vários são os *apps* em que homens podem buscar outros homens; entre eles estão: Grindr, Scruff, BoyAhoy, Manhut, Hornet e Tinder. Tais buscas têm finalidades diversas, como: amizades, namoro, sexo casual, sexo virtual, entre outras possibilidades. Esses aplicativos compartilham algumas ferramentas e também apresentam características únicas, o que contribui para que as relações entre usuários e *apps* sejam diversas. No *Tinder*, por exemplo, os usuários tendem a usar mais fotos de rosto e compartilham seus nomes reais. Mas, no Grindr, poucos são os que mostram seus rostos nos perfis e que compartilham seus nomes verdadeiros.

Como já mencionado, várias são as questões que podem ser debatidas acerca do Grindr, porém, nesta pesquisa, enfoco os textos apresentados em alguns perfis, na área “sobre mim”, e as fronteiras de contato estabelecidas virtualmente entre machos e afeminados. Antes de nos debruçarmos sobre isso, no entanto, farei uma breve descrição do *app* investigado.

## CONHECENDO O GRINDR

Para delinear a descrição que se segue, fiz o *download* do aplicativo de forma gratuita e passei algum tempo coletando informações. Embora já o tivesse utilizado anteriormente, esta foi a primeira vez que analisei a estrutura do *app*, o que contribuiu para que minha percepção ganhasse uma nova configuração. Ao baixar Grindr, o usuário precisa fornecer apenas seu e-mail e definir uma senha, ou acessar via conta do Google ou Facebook, podendo o aplicativo ser utilizado de forma bastante anônima.

Uma vez criada a conta, é possível colocar ou não uma foto no perfil, não sendo necessário ser uma imagem de rosto, como se pode visualizar na Figura 1. Outras partes do corpo podem ser escolhidas: peitoral, abdômen, costas, pernas, pescoço, boca, olhos, pés. Muitas são as possibilidades. Imagens do pênis e ânus não são autorizadas pelo aplicativo, havendo moderação nas fotos de perfil antes de serem autorizadas. Vale ressaltar que nem sempre as fotos são, de fato, do usuário, sendo possível criar um perfil falso, ou *fake*, utilizando imagens de outras pessoas, ainda que o *app* disponibilize uma ferramenta para denúncias desses perfis.

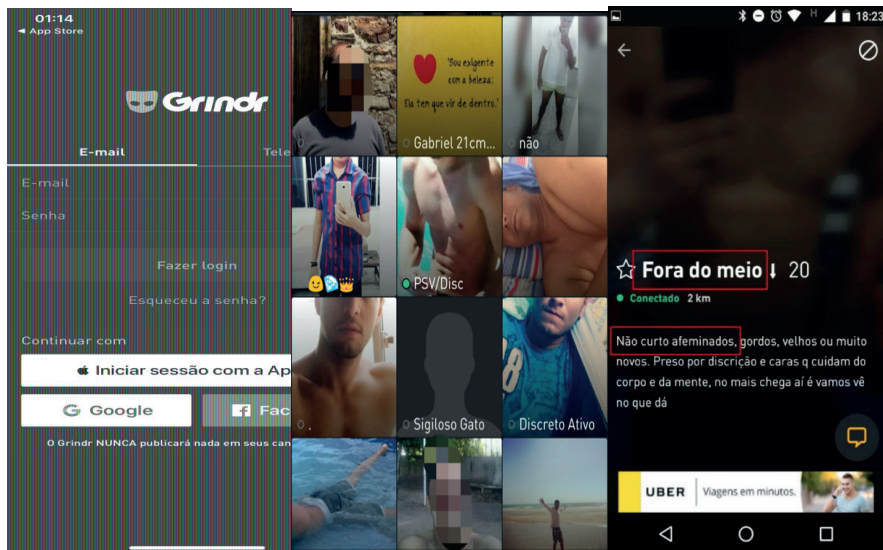


Figura 1 – Exemplo de um perfil e interfaces do Grindr  
 Fonte: capturado a partir da visualização pública do aplicativo.

No perfil, também é possível digitar um nome de exibição e outras informações sobre si. Alguns dados que podem ou não ser preenchidos dizem respeito a: idade, altura, peso, porte físico, posição (ativo<sup>3</sup>, passivo<sup>4</sup>, versátil+ativo<sup>5</sup>, versátil+passivo<sup>6</sup>), etnia, relacionamento atual e tribos. Quanto a expectativas, é possível indicar “em busca de” e “local de encontro”. Também há opções quanto à identidade de gênero e o pronome com o qual o usuário ou a usuária se identifica. Por fim, existe a possibilidade de registrar

3. Em linhas gerais, homem que apresenta uma preferência em penetrar o ânus de outro homem, utilizando seu pênis, dedos, brinquedos eróticos, entre outras possibilidades, não sendo a penetração obrigatória durante o ato sexual para que se perceba como ativo.
4. Em linhas gerais, homem que apresenta uma preferência em ter seu ânus penetrado por outro homem, brinquedos eróticos, entre outras possibilidades, não sendo a penetração no ânus obrigatória durante o ato sexual para que se perceba como passivo.
5. Em linhas gerais, homem que se identifica como passivo e ativo, mas, sua preferência sexual se dá pela atividade.
6. Em linhas gerais, homem que se identifica como passivo e ativo, mas, sua preferência sexual se dá pela passividade.

informações sobre sorologia de HIV e a data do último exame, além de compartilhar ou não outras redes sociais, como Instagram, Spotify, Twitter e Facebook.

Nesse sentido, os perfis variam bastante, desde aqueles que contêm quase todas as informações mencionadas anteriormente, até perfis que só apresentam a idade. Outro ponto importante é que o *app* solicita acesso à localização do dispositivo, possibilitando que os usuários saibam a quantos metros ou quilômetros de distância encontram-se uns dos outros. Outra ferramenta disponibilizada permite que os usuários se desloquem virtualmente para outros bairros, estados brasileiros ou países. Por vezes, o *app* libera esses serviços de forma gratuita; em outros momentos solicita que o usuário tenha uma conta paga, na qual as ferramentas ampliam-se, possibilitando um maior acesso a outros usuários.

Após esta breve descrição da interface do aplicativo Grindr, são apresentados, a seguir, os perfis escolhidos para que este estudo fosse realizado.

### **“NADA CONTRA AFEMINADOS, MAS QUERO MACHO”**

No dia 20 de maio de 2020, destinei cerca de uma hora para fazer *prints* dos perfis que anunciavam não querer contato com homens afeminados na cidade de Boa Vista, capital de Roraima. Os perfis que não apresentavam tais informações foram descartados da pesquisa. Dos 40 usuários que visualizei naquele dia, somente 06 estavam usando fotos de rosto, e os demais variaram entre não ter foto (sendo exibido apenas um fundo preto no perfil) ou utilizando imagens de outras partes do corpo.

Novamente, ressalto que não os entrevistei, portanto, ater-me-ei aos dados que estavam expostos nos perfis públicos, no que diz respeito ao enunciado “sobre mim”. Ao todo, foram analisados 10 perfis, que serão identificados a partir da sigla P – que significa perfil –, acompanhada de uma numeração entre 1 e 10.

Antes de aprofundar a discussão sobre a rejeição à figura do afeminado, é interessante notar que 06 usuários (P2, P3, P4, P5, P6 e P10) focam seus textos nas características que não buscam em outros usuários, não ficando claro quais as características que seriam, então, consideradas atraentes.

Não curto afeminados nem travestis nada contra só não tenho tesão (P2).

Ativo. Sigiloso. Não curto Afeminado e nem assumido (P3).

Dispensando os enrolados! Não curto afeminados e os afetados! Se for pedir foto manda primeiro daí a conversa pode fluir! (P4).

Não busco algo em específico. Curtir só com alguém de meu agrado. Sou só ativo, gosto de sacanagem de verdade. Parceiros fixos de foda. Vamos

ser safados q tudo fica massa. Não a mortos no sexo, afeminados, gordos e perguntas tolas. Não topo encontro as cegas (P5).

Porra deve ser bem difícil se feio e ter que usar as fotos de outros caras para conseguir aparecer. Mas infelizmente não tem como usar essa foto no encontro rs. Não a feios, gordos, coroas e afeminados (P6).

Quem faz caridade é ONG. Eu não. Não tenho preconceito, mas não me relaciono com afeminados e fakes sinto o cheiro de longe, nada contra, pocs tô fora, gp's não pago por sexo, veneca só se tiver de carteira assinada a mais de 01 de serviço (P10).

Também é possível constatar em tais falas o rechaço a “gordos” e “coroas”. Na fala de P10, este traz a figura do “veneca”, que significa venezuelano. Sua escrita não deixa explícito o que realmente significa “mais de 01 de serviço”, mas, é possível perceber que há uma condição para que o contato com um venezuelano aconteça. Há alguns anos, vivencia-se em Roraima um intenso processo de migração, em que muitos venezuelanos chegam diariamente ao estado. Este fenômeno fez com que o Grindr em Boa Vista apresente uma nova configuração quanto às nacionalidades, sendo cada vez maior o número de usuários oriundos da Venezuela. Embora não seja o objetivo desta pesquisa investigar as relações entre brasileiros e venezuelanos via aplicativo, faz-se importante ressaltar a presença de condutas xenofóbicas em relação a essas pessoas.

Nas linhas que se seguem, será possível formar uma melhor compreensão sobre os corpos masculinos considerados ideais por parte de nossa sociedade, sendo discutido o fenômeno da repulsa pelos corpos considerados marginais por desviarem-se das normalizações.

Quando recorremos às questões históricas, é possível perceber que, dependendo de fatores temporais e espaciais, as representações sobre as masculinidades sofreram alterações. De acordo com Miskolci (2012), na passagem do século XIX para o século XX, do Brasil Império para o Brasil República, um novo ideal de homem começa a ser almejado por parte da elite brasileira, composta principalmente por homens brancos. Tal ideal seria baseado na figura do homem europeu. Naquele período, em nosso país, a maior parte da população era composta por homens negros, percebidos como perigosos para o futuro da nação, pois, de acordo com os discursos médicos (racismo científico) da época, aqueles eram considerados inferiores intelectualmente quando comparados ao homem branco e mais propensos à criminalidade, sendo percebidos como perigosos para a elite brasileira.

Miskolci (2012) também afirma que os homens que se relacionavam com homens não eram identificados com a identidade homossexual, porém, eram percebidos como sendo também inferiores e mais propensos a desenvolverem transtornos mentais – aqui, a Psiquiatria e Psicologia novamente cumpriram papéis importantes para alimentar preconceito e sofrimento. Relação parecida era estabelecida quanto às mulheres, agravando-se quando

se tratava de uma mulher negra. Quanto aos índios, estes eram chamados de preguiçosos e indisciplinados, realizando trabalhos medíocres. Somente o sangue do homem branco era considerado puro, e somente ele poderia gerar filhos brancos, acreditando-se que, em seu sêmen, estaria a branquitude, não sendo bem vistas as relações entre mulheres brancas com homens negros.

O autor segue relatando que, no início do século XX, se inicia um processo de deslocamento de pessoas do campo para a cidade, do rural para o urbano (MISKOLCI, 2012). O homem de “verdade” seria trabalhador e provedor, devendo participar da esfera pública, enquanto sua mulher ficaria responsável pela vida privada, incumbida dos cuidados com a família e o lar, não percebidos como trabalho, mas, como algo que faria parte da natureza feminina. Dessa forma, o trabalho passa a ser, cada vez mais, atrelado como identitário para o homem, tornando-o importante e potente. Mas, somente o trabalho não seria suficiente para o tornar honrado e viril, sendo necessário que esse também fosse um “comedor” e “penetrador”, algo que confirmaria e atestaria a sua masculinidade.

De acordo com Zanello (2018, p. 253), “o homem demonstra assim sua potência, seja por meio do número de parceiras que consegue/conquista, seja na duração e nas performances da transa”, firmando-se desta forma a virilidade heterossexual, construída historicamente como a única orientação sexual possível e natural, sendo percebida qualquer outra manifestação do desejo como desviante, anormal, abjeta.

Dessa maneira, um “ideal” de homem foi construído e alimentado, o que se configurou em uma masculinidade hegemônica (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013), representada pelo homem branco, heterossexual, cristão, trabalhador, provedor e comedor. Essa seria considerada superior às demais masculinidades. Ser homem “de verdade” seria jamais ser uma mulher, pois qualquer aproximação ao feminino seria percebida como marginal, desviante, antinatural. Esse afastamento do feminino fica claro na fala de todos os perfis pesquisados, destacando-se nesse momento a fala de P1:

Em busca de atvs<sup>7</sup> e versáteis másculos. Não a AFEMINADOS, não force a barra! Obrigado. Se tu não tem local, transporte, disponibilidade, só um perfil exigente, não puxe assunto comigo. Flw (P1).

Neste trecho, além da recusa pelos “AFEMINADOS”, são utilizadas letras maiúsculas que destacam essa palavra das demais, não bastando dizer o “não”, mas também que “não forcem a barra”. A construção da masculinidade se apoia na repulsa por símbolos que remetam ao feminino. Possuir uma mulher, sim; portar-se como uma, jamais.

Logo, desde períodos anteriores, homens que apresentavam comportamentos considerados femininos eram tratados com asco. Homens jamais poderiam ser penetrados, aqui ganhando destaque o cu, órgão que, de acordo com Sáez e Carrascoza (2016), foi e ainda é tão policiado por parte da sociedade. Para estes autores,

---

7. Abreviação para “ativos”.



[...] o homem penetrado é equiparado a esse estatuto inferior “de mulher”. Como o único corpo penetrável nesse imaginário coletivo é o da mulher, um homem ser penetrado é a maior agressão possível a sua virilidade, ficando rebaixado ao feminino, perdendo sua honra, seu status superior. O passo seguinte do desprezo tem relação com o prazer: se o homem penetrado não desfruta dele (foi violado, por exemplo), o desprezo e o escárnio social são menores, mas, ainda assim terá entrado no território da vergonha irreversível, será sempre algo traumático e terrível. Porém, se o homem penetrado desfruta com isso, é alguém que o busca, deseja, valoriza... então o castigo e a desonra social são totais (p. 31).

No perfil do usuário P8, é possível perceber esse afastamento do ânus, ao passo que a procura se dá por um outro ativo:

Curti com alguém que seja, discreto e que não seja afeminado. Ativo com ativo, punheta a dois, pegação, esfregação... curto uma boa brotheragem entre dois machos (P8).

Como mencionado anteriormente, o homem ativo poderá buscar penetrar outro homem ou não. No caso de P8, este afirma querer “punheta a dois, pegação, esfregação”, sendo o prazer desenvolvido por práticas que não envolvam o ato de penetrar, mantendo-se o cu fechado, sendo o prazer experienciado apenas em outras partes do corpo. Em sua fala, a recusa pelo “afeminado” também é presente.

No ódio por corpos masculinos que se aproximam do feminino, fica explícita uma performance misógina, expressando ódio ou aversão por mulheres. De acordo com Zanello (2018), no centro de toda homofobia, há uma misoginia, um ódio às qualidades consideradas femininas, como se percebe em P4, que diz: *Não curto afeminados e os afetados!*. Ainda hoje, há uma crença que aproxima homens da racionalidade e mulheres das emoções, sendo essas mais propensas a desenvolverem “problemas mentais”, pelo fato de sua “natureza” ser “frágil”.

Para Miskolci (2012), no Brasil República, os homens que apresentavam quadros de histeria teriam herdado tal transtorno de suas mães, estando mais propensos a desenvolverem comportamentos homossexuais. Ou seja, ocorria uma total negação da participação da figura paterna na construção do sofrimento de seus filhos, atribuindo-se toda a responsabilidade à mulher, algo presente em muitas relações ainda hoje.

Por conseguinte, é a partir dessa figura de homem viril que as demais masculinidades foram e continuam, em alguma medida, sendo construídas e significadas. O homem branco, heterossexual e cristão ocuparia o centro; enquanto as demais masculinidades, percebidas como perigosas e desviantes, a periferia.

Já na década de 1970, nos estudos de Fry (1982) realizados na periferia de Belém (PA), as nomenclaturas de homossexual e homossexualidade não eram consideradas como as principais representações sociais em relação aos sujeitos pesquisados. As formas de compreender as masculinidades no Brasil variavam e continuam a variar de lugar para

lugar. Nesta época, em Belém, existiam duas categorias que prevaleciam: homens e bichas.

Homens eram percebidos como assumindo comportamentos masculinos e as bichas, comportamentos femininos. Quanto ao ato sexual, o homem seria o penetrador e a bicha, a penetrada, estabelecendo-se uma relação de dominação do primeiro em relação ao segundo por meio de papéis hierarquizados, assim como acontecia e por vezes ainda acontece em relação a homens e mulheres. Portanto, naquele período, os chamados “homens” poderiam ser percebidos como heterossexuais ou homossexuais, desempenhando uma posição somente de ativos durante a relação sexual; enquanto as bichas seriam apenas homossexuais e passivas.

Contudo, de acordo com Fry (1982), nas classes médias das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, por volta de 1960, existiam duas outras classificações para homens: homens e entendidos. Os primeiros seriam masculinos, ativos e heterossexuais; enquanto os segundos seriam masculinos ou femininos, ativos ou passivos e homossexuais. Neste caso, homem não é compreendido como na classificação anterior; aqui, deve se relacionar apenas com mulheres, pois, caso se relacione com outros homens, seria nomeado como entendido. Dessa forma, a divisão deixa de ser entre homens masculinos e homens afeminados, como acontecia em Belém, passando a se configurar entre heterossexuais e homossexuais.

Na pesquisa realizada por Miskolci (2013) em plataformas *on-line* nas quais homens buscavam outros homens, a palavra “macho” foi investigada, encontrando-se várias definições. Alguns procuravam “um parceiro para sexo ou relacionamento com o qual possam circular em espaços públicos como se fossem apenas amigos” (p. 309), não levantando suspeitas de um possível envolvimento, buscando-se “alguém similiar”<sup>8</sup> e “fora do meio”<sup>9</sup>, podendo a performance heterossexual ser atraente para outros homens. Na fala de P9, em que novamente se constata a rejeição por “afeminados”, o usuário afirma querer um contato de “Macho x macho”, como é possível perceber no trecho de seu perfil:

Sexo Seguro e sigiloso, afeminados nada contra mais não rola! Macho x macho (P9).

Este perfil também deixa claro qual tipo de homem busca: um outro “macho”. Não foi possível investigar o que significa ser “macho” para esse usuário, porém, seu enunciado se aproxima bastante dos homens que foram entrevistados por Miskolci (2013), que buscavam homens que apresentassem uma masculinidade mais alinhada à hegemônica, dando-se destaque não à orientação sexual do parceiro, mas, à sua expressão de gênero, aqui chamada de “macho”. Algo parecido pode ser percebido em P9:

---

8. Apresenta uma performance que se aproxime da heterossexualidade (MISKOLCI, 2013).

9. “Desejo por pessoas do mesmo sexo no segredo, conformando-o a expectativas historicamente criadas de que essas relações deveriam permanecer invisíveis no espaço público e restritas à vida privada dos envolvidos. O contato pela web se associa a percepção de que ser ou estar “fora do meio” é ser “normal” e ter a capacidade de desaparecer como parte da maioria (compreendida como hétero)” (MISKOLCI, 2013, p. 303).

Não a afeminados. Sexo sem compromisso. Não me passe foto de rosto sem enviar antes/tu pediu, tu manda primeiro. Não tenho frescura, curto fuder e tu sendo homem querendo comer, estou aqui. Sigilo é fundamental (P7).

Embora ele não se diga passivo em seu perfil, afirma querer um homem que goste de “comer”, como se houvesse uma dicotomia entre “homem afeminado” e “homem que come”, através de estereótipos que alimentam a ideia de que homem afeminado não poderia ser ativo em uma relação, ou a de que o homem que come não poderia apresentar comportamentos afeminados, indo ao encontro de crenças rígidas sobre as performances masculinas.

Após apresentar os perfis pesquisados, fica claro que a masculinidade hegemônica atravessa o agir de muitos homens como um ideal a ser alcançado, alimentando relações de poder, inclusive, entre homens que se relacionam com homens. Tal hierarquia estabelecida entre as masculinidades não acontece apenas no espaço *off-line*, sendo transportada para o espaço *on-line*, como discuto a seguir.

## **AS FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE O “MACHO” E O “AFEMINADO” NO GRINDR**

Como foi demonstrado até aqui, homens que se relacionam com outros homens também podem apresentar comportamentos homofóbicos, algo exemplificado através dos perfis destacados. Mas, esses comportamentos não deveriam ser exclusivos de homens heterossexuais, já que são eles que podem vivenciar a masculinidade hegemônica? Como afirma Medeiros (2018, p. 18),

Curiosamente, uma comunidade que poderia ser transgressora e apoiadora das diferenças é composta por membros que seguem uma lógica hegemônica, tão enrustada está a masculinidade hegemônica em corpos que realizam práticas não heterossexuais.

Tal ideal de masculinidade é lançado sobre todos os corpos, desde a infância até a vida adulta, ensinando homens e mulheres, independente da orientação sexual, sobre quais performances masculinas são ou não aceitáveis. Tais formas de existir no mundo, para Butler (2012), são construídas a partir de uma repetição de atos, gestos e signos, tornando-se cristalizados por meio de *scripts* culturais que estabelecem formas de pensar, sentir, agir e locomover.

Roteiros rígidos sobre formas corretas e inadequadas de expressar a masculinidade vão sendo inscritos em nossas carnes e leis vão sendo estabelecidas (LOURO, 2018). Em Gestalt-terapia, compreendemos tal movimento de ingerir “verdades” como introjeção, ou “[...] o ato de engolir sem assimilação. A excitação é apaziguada (encoberta), já que o objeto contatado tem pouca importância. Uma pseudo-resposta é dada pelo ambiente à tensão do *Self*, o que permite interromper seu ‘ir para’ e ‘pegar’” (ROBINE, 2006, p. 64).

Tais pseudo-respostas dadas pelo ambiente alimentam pensamentos e comportamentos machistas, sexistas e homofóbicos.

Logo, homens que se relacionam com homens, sendo homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, também são atravessados por tais introjetos, projetando na figura do afeminado toda a repulsa que fora alimentada ao longo da vida. Na projeção, “o organismo substitui a percepção do meio ambiente por alguma experiência que pertence a si mesmo: o meio ambiente é reduzido a uma parte do organismo falsamente considerada parte do ambiente” (ROBINE, 2016, p. 64). Ou seja, as falas dos perfis mencionados revelam mais sobre eles e suas formas de relacionar-se com o outro/diferente em ambientes virtuais.

Em minha história pessoal, lembro de ter sentido na pele a repulsa por homens que apresentavam comportamentos considerados femininos, sentindo vergonha em me relacionar com estes. Ouvi, por diversas vezes, como se fosse um elogio, que eu era um gay que não parecia gay, por não ter trejeitos femininos. Ouvi de familiares que eu tomasse cuidado e não me tornasse promíscuo e começasse me portar como alguns amigos que eram “afeminados”. Em meu processo terapêutico pessoal, pude ressignificar e mastigar parte dos introjetos que foram engolidos por mim a partir da relação com outras pessoas – movimento difícil, porém, possível e libertador.

Também ouvi relatos parecidos em muitos atendimentos com homens gays que afirmavam sentir vergonha de serem passivos, pois estariam assumindo um lugar de inferioridade em relação a um homem ativo. Esta crença atrapalhava que suas sexualidades fossem vivenciadas de forma leve e saudável, experienciando sensações de nojo e repulsa por si e pelo outro após terem relações sexuais, envolvendo-se em rituais de purificação (banhos, escovar os dentes, usar perfume, forçar o vômito etc.) para limpar as marcas de um sexo desviante.

Logo, as pedagogias da sexualidade (LOURO, 2019) que são ensinadas ao longo da vida ficam encarnadas em nossas peles, independente da orientação sexual que apresentemos, interferindo nas relações consigo e com o outro. É neste ponto que pretendo trazer o conceito de fronteiras de contato, entendida “[...] como o tempo-lugar do encontro: encontrar a novidade, o outro, o diferente, o estranho a mim e permanecendo nesta fronteira – de contato – viver a experiência do estranhamento, do excitação e do crescimento por meio da criação” (ALVIM, 2019, p. 881). Ou seja, é na fronteira que o contato ocorre.

Outro conceito tão importante para a Gestalt-terapia é a ideia de Polster e Polster (2001, p. 112) de que contato não é...

[...] apenas reunião ou intimidade. Ele só pode acontecer entre seres separados, que sempre precisam ser independentes e sempre se arriscam a ser capturados na união. No momento da união, o senso mais pleno que um indivíduo tem de si mesmo é movido rapidamente para uma nova criação. Não sou mais apenas eu mesmo, mas eu e você fazemos nós. Embora eu e você

nos tornemos nós apenas nominalmente, jogamos com a dissolução de mim ou de você por intermédio desse nomear.

Todavia, no momento em que existe repulsa pelo outro, pelo “não-eu”, tal contato fica impossibilitado, uma vez que o encontro com o diferente é evitado. Os perfis que dizem não a afeminados não se arriscam a serem capturados pela união, não ocorrendo uma nova criação. A fronteira de contato, mesmo virtual, torna-se rígida, não sendo viável a sua dissolução. O “nós” não é possível, a troca com o “não-eu” é evitada. Mas, qual o problema em tal evitação do contato? As pessoas não teriam direito a isso? Não seria apenas uma questão de gosto? A própria Gestalt-terapia não diz que o contato não é apenas assimilação, mas, também, rejeição do inassimilável?

Em Gestalt-terapia, aprendemos que, dependendo da situação, o “não-eu” precisará ser evitado, mas, a questão aqui se dá em relação à forma como esse afastamento é feito em relação aos corpos masculinos considerados afeminados – por meio de gestos preconceituosos e homofóbicos que podem gerar forte sofrimento nas pessoas que não apresentam um comportamento considerado como de macho. Podem ocorrer introjeções ou confirmações de que realmente há algo errado em ser comparado ao feminino. Os perfis mencionados lançam “verdades” sobre as masculinidades desviantes, as tornando marginais e abjetas, sendo possível falar em um policiamento e vigilância das sexualidades no ambiente virtual.

E, assim, as fronteiras de contato vão sendo estabelecidas entre machos e afeminados, de forma rígida e intransponível. Quais campos são formados nesse espaço virtual? Campos de acolhimento ou rechaço às diferenças? O quanto esses espaços se configuram como transformadores ou opressores? Algo que me convocou a atenção diz respeito ao fato de que nenhum dos perfis analisados utiliza fotos de rosto, sendo preservadas suas identidades. Será que esses usuários, nos espaços *off-line*, também deixam clara a sua repulsa pelo homem “feminino”?

De acordo com Alvim (2017), no ciberespaço, o “Eu posso” modifica-se para um pseudosuperpoder que alimenta onipotência:

Há um aprofundamento da autorreferência, uma valorização do eu construído em torno de imagens e relações virtuais que me permitem evitar a contigência da existência concreta. Seleciono a comunidade da qual faço parte, tenho poder de deletar o outro, de me editar, de realizar exposições e performances (p. 66).

Onipotência que anda de mãos dadas com o conceito de masculinidade hegemônica e que parece potencializar-se nos espaços virtuais, ocorrendo uma naturalização de falas preconceituosas de um determinado grupo de homens sobre outros homens. O usuário macho reduz o outro ao feminino, não querendo tocá-lo, vê-lo e recebê-lo, evitando assim conhecer outras partes da pessoa. Este conhecer não é obrigatório, mas, a forma como suas falas são lançadas no aplicativo podem gerar repercussões negativas sobre outros

corpos.

Minha tentativa em debater tais questões emerge de um incômodo frente às masculinidades hegemônicas que se apresentam encarnadas, inclusive, em corpos de homens que se relacionam com outros homens e que tentam invisibilizar e, por vezes, aniquilar corpos de *viados*, *pocs*<sup>10</sup>, *afetados* e *bixas*, numa tentativa de higienização da sociedade. Para Alvim (2019, p. 883),

Invisibilizar o outro pode ser pensado, assim, como um tipo de violência, que funciona como um gesto de tapar os próprios olhos, retirando o outro do meu campo de visão, para que o que eu veria nele, não possa também me olhar e me inquietar. Um gesto que visa a aplacar a angústia do encontro com sua diferença.

Movimento oposto ao que Polster e Polster (2001, p. 111) mencionam sobre o contato, em que “eu toco você, sorrio para você, vejo você, pergunto a você, recebo você, desejo você; tudo isso, por sua vez, sustenta a vibração de viver. Eu estou sozinho, mas ainda assim preciso encontrar você para viver”.

No entanto, nem somente de dor os corpos de homens bichas e afeminados são constituídos. Embora estes também possam introjetar os ideais de uma masculinidade hegemônica, reproduzindo comportamentos homofóbicos consigo e com o outro, exaltando o homem macho, há um movimento de fortalecimento das identidades consideradas marginais. Para Zamboni (2016), a bicha é crucial em nossa existência, por representar variantes possibilidades de se colocar no mundo, ocorrendo uma própria invenção de mundos. A bicha perturba os códigos e rituais que são lançados sobre os corpos, configurando uma insistente problematização do que somos. Perturbação das normas que tanto incomoda às masculinidades hegemônicas, uma vez que os corpos de bichas e afeminados demonstram uma plasticidade da existência:

Uma bicha não se refere à inteireza da unidade, mas à definição de uma impessoalidade. Não se quer aqui delimitar o que seja a bicha, mas justamente romper com o verbo ser para afirmar os devires, as experimentações existenciais que deslocam e desmancham determinadas situações, possibilitando a invenção de outros meios de vida (ZAMBONI, 2016, p. 12).

Enquanto o “macho” enrijece suas fronteiras e se fixa em determinadas formas de sentir, pensar e agir, inclusive no Grindr, as fronteiras de contato das bichas podem ser fluidas, um corpo-no-mundo-com-outro que responde à situação, sendo transgressoras e contestadoras das normatizações, corpo resistente às domesticações e docilizações da vida. É por meio desta errância corporal que, de acordo com Silva (2018, p. 16), ocorre a...

[...] expressão, produção de novas estruturas, transformação de sentido para si, para o outro e para o mundo, gerando inquietação e possibilidade de transgressão, de ultrapassar a experiência do que é visto para a partilha do que é vivenciado de maneira subjetiva.

---

10. Termo utilizado para se referir a gays considerados mais afeminados.

O ser bicha mostra a possibilidade de nos reinventarmos enquanto corpos com outros corpos, produzindo novos sentidos e corrompendo antigas estruturas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Grindr, não há um campo para que o usuário indique a sua orientação sexual, a não ser que este decida a descrever na área “sobre mim”. Logo, preferi utilizar o termo homens que se relacionam com homens, pois, para ter acesso às orientações sexuais, teria sido necessário estabelecer um diálogo com os usuários, o que não foi a proposta deste estudo.

Identificá-los enquanto homossexuais, bissexuais ou pansexuais implicaria em um movimento equivocado, ignorando subjetividades, condutas tão presentes em nossa sociedade, pregadas, principalmente, por pessoas que se dizem heterossexuais e que tentam estipular verdades sobre as demais orientações. Logo, busquei ter cuidado quanto a julgamentos, para não correr o risco de cair em estereótipos que tanto alimentam preconceitos e sofrimentos no campo da sexualidade.

Outro ponto que convocou atenção durante a elaboração deste estudo é que o Grindr se apresenta como um espaço virtual em que diversos fenômenos se manifestam, sendo instigante para o campo da pesquisa. Este aplicativo é constituído por alguns usuários que escancaram a homofobia, misoginia e xenofobia, alimentando dor, mas, ao mesmo tempo, configurando-se como um espaço de resistência e potência para as transgressões diante forças normalizadoras. Novas pesquisas sobre este aplicativo continuam sendo fundamentais, principalmente no meio gestáltico, que, durante tanto tempo, pouco ou quase nada se implicou em debater sobre questões LGBTQI+.

A masculinidade hegemônica deve ser percebida como problemática, trazendo impactos negativos para a saúde, pois todos e todas são afetados e afetadas, carecendo esta questão ser alvo de políticas públicas. Vivemos no país que mais mata pessoas LGBTQI+ no mundo e onde a aversão ao feminino é uma realidade. Corpos de machos em nossa sociedade ainda são exaltados, dando a esses o poder para dizer e fazer o que quiserem com os corpos considerados desviantes. Mas, isso tem mudado, pois a bicha, o afeminado, a poc, a travesti, entre outros e outras que se aproximam do que é chamado de feminino resistem contra essas forças, saindo cada vez mais dos espaços de invisibilidade pela reapropriação de seus corpos, rafazendo a história.

Encerro o texto retomando a música de Rohmanelli e Warlock, intitulada *Macho Discreto*, com a qual iniciei o capítulo, permitindo-me fazer uma pequena alteração: “Não seja um otário se escolhe o armário! A gente que apanha, não me peça calma! Que enquanto eu grito e luto por espaço, você se protege no Grindr, por meio do anonimato”.



## REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B. A Gestalt-terapia na fronteira: alteridade e reconhecimento como cuidado. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 4, p. 880-895, 2019.
- ALVIM, M. B. O corpo entre virtualidade e produtividade: experiência e contato na situação contemporânea. In: FRAZÃO, L. M. (org.). **Questões do humano na contemporaneidade: olhares gestálticos**. São Paulo: Summus, 2017. p. 49-69.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Direito e diversidade**. [Brasília, DF], 2002. [Cartilha.]
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COLLING, L.; NOGUEIRA, G. **Crônicas dos CUS: cultura, sexo e gênero**. Salvador: Devires, 2017.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, jan./abr. 2013.
- FRY, P. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GRINDR. **Grindr fact sheet 2017**. 2017. Disponível em: <https://www.grindr.com/press/>. Acesso em: 30 maio 2020.
- LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MEDEIROS, E. S. **Textos verbos-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo Grindr**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B4SKG3>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- MISKOLCI, R. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v. 21, n. 1, p. 301-324, jan./abr. 2013.
- MISKOLCI, R. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2012.
- MISKOLCI, R. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, v. 91, p. 269-295, 2014.
- POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.
- ROBINE, J.-M. **O self desdobrado: perspectiva de campo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2006.
- SÁEZ, C.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu: políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2016.





SÃO PAULO. Ministério Público. **Direito e diversidade**. São Paulo: MPSP, 2017. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/Direito\\_Diversidade.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/Direito_Diversidade.pdf). Acesso em: 28 jun. 2020.

SILVA, F. F. **[Trans]existência: errância no corpo, gênero em trânsito**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ZAMBONI, J. **Educação Bicha: uma a(na[|])rqueologia da diversidade sexual**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2016.





ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

